

**GRACILIANO RAMOS,
DALCÍDIO JURANDIR E ENEIDA:
CAMARADAS EM VIAGEM AO MUNDO SOCIALISTA**

**Marli Tereza FURTADO
Alinnie SANTOS**
(Universidade Federal do Pará)

RESUMO: O trabalho visa a analisar os textos *Viagem*, de Graciliano Ramos, publicado em 1954, as notas de um diário deixadas por Dalcídio Jurandir, publicadas em livro memorialístico sobre ele, em 2006, e o livro *Caminhos da Terra*, de Eneida de Moraes, publicado em 1959, três relatos de seus respectivos autores sobre suas experiências em viagem ao mundo socialista. Pretende-se observar os registros que esses três escritores, membros do Partido Comunista Brasileiro (PCB), elaboraram sobre suas experiências no mundo socialista, como também refletir sobre as manifestações ideológicas presentes nesses registros.

PALAVRAS-CHAVE: Relatos de viagem; mundo socialista; manifestações ideológicas.

ABSTRACT: The work aims to analyze the texts *Viagem*, by Graciliano Ramos, published in 1954, the notes of a diary left by Dalcídio Jurandir, published in book memorialístico about him, in 2006, and the book *Caminhos da Terra*, by Eneida de Moraes, published in 1959, three reports of their respective authors about their experiences on the road to socialist world. Want to see the records that those three writers, members of the Brazilian Communist Party (PCB), elaborated on their experiences in the Socialist world, as well as reflect on the ideological manifestations present in these records.

KEYWORDS: Travel accounts; socialist world; ideological manifestations.

1. INTRODUÇÃO

Viajar ao mundo socialista nos anos 1950 era a realização de um sonho para um membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB), além de complementar sua formação como militante. Assim, nesse período, muitas viagens à União Soviética, e posteriormente à China, foram realizadas, tornando-se uma prática comum na época.

Além disso, os viajantes sentiam a necessidade de escrever relatos sobre o que viram nesses países para divulgar aos brasileiros como era a vida em um país socialista, bem como propagar as ideologias desses países. Assim, praticamente todo o militante, que fazia essa viagem, escrevia sobre suas experiências. Dentre os intelectuais brasileiros que viajaram ao mundo socialista, figuravam os escritores Graciliano Ramos (1892-1953), Dalcídio Jurandir (1909-1979) e Eneida de Moraes (1903-1971).

Graciliano Ramos e Dalcídio Jurandir viajaram ao mundo socialista, em 1952. Esses autores registraram suas impressões sobre essa viagem. O primeiro no livro *Viagem* (1954), enquanto que o segundo em anotações de um diário, publicadas em livro sobre sua obra (2006). Eneida de Moraes fez viagem semelhante em 1959, representando os escritores brasileiros no III Congresso de Escritores da URSS, publicando suas experiências no livro *Caminhos da Terra* (1959).

Este trabalho objetiva analisar os relatos de viagem desses três autores para verificar o registro que elaboraram sobre suas experiências no mundo socialista, como também refletir sobre as manifestações ideológicas presentes nesses textos.

2. VIAJAR À UNIÃO SOVIÉTICA: UM SONHO CAMARADA

Desde a fundação do Partido Comunista Brasileiro (PCB)¹,

¹ Fundado em março de 1922 por, na sua maioria, operários ativistas do movimento sindical, o PCB objetivava ser a organização política do proletariado.

seus militantes viam a União Soviética como um modelo sócio político e econômico de desenvolvimento. Os poucos periódicos comunistas que circulavam na época divulgavam os feitos e avanços da URSS, na tentativa de demonstrar “a transformação de um país retrógrado num mundo melhor e totalmente diferente do capitalista (SOTANA, 2006, p. 35).

Assim, em posse dessa visão construída do país soviético os comunistas brasileiros passaram a vê-lo como um lugar melhor que os países capitalistas e um exemplo a ser seguido, defendendo a implantação do socialismo no Brasil. Dessa forma, os militantes do Partido, começaram a realizar, ainda na década de 1920, viagens ao mundo socialista, objetivando conhecer esse país regido pelo socialismo.

Sendo assim, muitos intelectuais e artistas receberam convites para conhecer a URSS. Apesar de essas viagens terem sido iniciadas nos anos 1920, somente na década seguinte relatos foram publicados em livro. Em 1931, Maurício Medeiros publicou um dos primeiros relatos de viagem ao país soviético, o livro *Rússia Notas e Viagem, Impressões, Entrevistas e Observações sobre o Regime Soviético*. Essa publicação foi seguida por *Onde o Proletariado Dirige*, de Osório César em 1932; *Um Engenheiro Brasileiro na Rússia*, de Cláudio Edmundo, em 1933; *URSS: um Novo Mundo*, de Caio Prado Junior, em 1934 e *URSS Itália e Brasil*, de Astrojildo Pereira, em 1935, entre outros. Ao voltar para o Brasil, os viajantes divulgavam o que viram na viagem, atitude que era vista com bons olhos tanto pelo PCB, como pela URSS.

No entanto, durante o Estado Novo e a Segunda Guerra Mundial, essas viagens foram interrompidas, somente sendo

Meses depois, em Julho, é posto na clandestinidade, vivenciando, até 1945, raros momentos de legalidade. O período de 1945-1947 é o momento em que o Partido se estrutura e tem representantes nos pleitos eleitorais. Há de se salientar que desde a sua origem até o início dos anos 1960, o partido chamava-se Partido Comunista do Brasil (PCB). Como em 1962, um novo partido político foi criado com a designação anterior do PCB, optamos neste trabalho, por fazer uso do seu atual nome, Partido Comunista Brasileiro.

retomadas pelos brasileiros em 1948. Nesse ano, os comunistas Jorge Amado e Zélia Gattai foram à URSS a convite da União dos Escritores Soviéticos. Em 1952, uma comitiva de militantes comunistas foi assistir às festividades de 1º Maio na União Soviética, dentre os quais, os escritores Graciliano Ramos e Dalcídio Jurandir, o senador Abel Chermont, o advogado Sinval Palmeira, o juiz Geraldo Irineu Joffily e o pianista Arnaldo Estrela.

Durante esse período, os viajantes estrangeiros que chegavam à URSS tinham sua permanência no país controlada pelos anfitriões, os quais se esforçavam para apresentar apenas os aspectos positivos da sociedade soviética. Duas instituições russas eram utilizadas com o intuito de organizar e controlar o roteiro de passeios e visitas dos estrangeiros: *A Sociedade Anônima de Turismo Estrangeiro* (Intourist) e a *Sociedade para as Relações Culturais da URSS com os Países Estrangeiros* (VOKS). Esses dois órgãos

objetivavam propiciar um maior conforto aos viajantes com um organizado serviço de recepção dos turistas estrangeiros, muito provavelmente visavam submeter o visitante a uma espécie de controle estatal, direcionando, muitas vezes, as visitas empreendidas pelos turistas estrangeiros (SOTANA, 2006, p. 143.)

Após o relatório anti-Stalin apresentado por Nikita Krushev, o itinerário dos viajantes foi modificado e a China começou a ser visitada por comunistas brasileiros: “o início das viagens à China pode ser justificado pela curiosidade dos viajantes, pela descrença na União Soviética, após o relatório de Krushev, e pelo rompimento de militantes com o PCB” (SOTANA, 2006, p. 121).

Segundo os relatos de viagens de alguns desses viajantes, quando voltavam do mundo socialista, sentiam a necessidade de escrever sobre as suas experiências nesse lugar, já que era desconhecido da maioria das pessoas, até mesmo dos militantes comunistas. Até esse momento, além dos relatos publicados na década de 1930, havia poucas publicações sobre a União Soviética, o que motivou ainda mais a escrita de relatos sobre essas viagens.

Dentre os livros sobre as viagens escritos nessa época, podemos destacar *O Mundo da Paz*, de Jorge Amado (1951); *Viagem à União Soviética*, de Branca Fialho (1952); *Moscou, Ida e Volta*, de Edmar Morél (1952); *Operários Paulistas na União Soviética: Notas e Impressões de uma Viagem de Membros da Delegação de 15 Trabalhadores Brasileiros Convidados pelo Conselho Sindical da URSS para a Participação das Celebrações do 1º de Maio de 1952 em Moscou*, de Constantino Stoiano e outros autores (1952); *Viagem*, de Graciliano Ramos (1954); *Moscou, Varsóvia e Berlim*, de José Guilherme Mendes (1956); *Cortina de Ferro*, de Marques Rebello (1956); *Zamir: uma viagem ao mundo da paz*, de Afonso Schmidt (1956); *Caminhos da Terra*, de Eneida de Moraes (1959); *A Grande Advertência*, de João Pinheiro Neto (1961); *URSS – O Mundo do Socialismo*, de Caio Prado Júnior (1967) e *As Muralhas de Jericó*, de Josué Guimarães (escrito nos anos 1950 e somente publicado em 2001).

Dessa forma, podemos perceber que as viagens, bem como os relatos de Graciliano Ramos, Dalcídio Jurandir e Eneida de Moraes, os quais analisaremos a seguir, que aconteceram no período da década de 1950, não foram um ato isolado. Na verdade, fizeram parte de uma prática comum entre os comunistas, que servia como um instrumento de divulgação da União Soviética entre os brasileiros. Escolhemos os três autores citados por mais razões além de serem escritores conhecidos na época. Os dois primeiros foram na mesma comitiva ao país, e Eneida, além de viajar com a missão de representar os escritores brasileiros, era conterrânea de Dalcídio Jurandir, sendo seu relato parte do patrimônio literário paraense, objeto de nossas pesquisas.

3. “MOSCOU E OUTROS LUGARES MEDONHOS”: O RELATO DE GRACILIANO RAMOS

Apesar de desgostoso com o PCB, por não aceitar a tentativa de imposição do Partido de conciliar seus livros aos

moldes do realismo socialista², Graciliano Ramos viajou à URSS, em 1952 e essa visita, como já foi dito, resultou em assunto do livro póstumo *Viagem* (1954). Nessa obra “inacabada”, conforme Antonio Candido (2006), o autor descreve alguns dos lugares que visitou no mundo socialista. Logo no primeiro dos 34 capítulos, ele apresenta seu objetivo ao escrever essas memórias:

Sinto-me no dever de narrar a possíveis leitores o que vi além dessas portas, sem pretender de nenhum modo cantar loas a União Soviética. Pretendo ser objetivo, não derramar-me em elogios. [...] tenho o intuito de não revelar-me parcial em demasia (RAMOS, 2007, p. 11).

Sendo assim, a intenção dele era narrar o que viu de maneira imparcial, sem se deixar ser levado pela emoção de realizar um sonho de conhecer a pátria que era regida pelo sistema socialista. Nas primeiras linhas do seu relato, Graciliano Ramos logo apresenta qual será o mote das suas impressões: chama Moscou e os demais lugares que conheceu de “lugares medonhos” e a viagem “de aventura singular” e “absurda” (idem, p. 7).

Dessa forma, durante todo o seu relato, Graciliano Ramos, mantém um tom de crítica diante de tudo o que vê e com o que não se agrada, por isso relata que durante a viagem não poupou perguntas permeadas de críticas, como a que fez sobre a existência de indenização aos proprietários ricos que tiveram suas terras confiscadas (idem, p. 19); ou indiscretas, perguntando à diretora da escola georgiana se consideravam o russo uma língua estrangeira (idem, p. 107); ou ainda comentários indelicados como o que fez sobre a poesia georgiana, diante de vários membros da União dos Escritores Georgianos, dizendo que nada entendia dela, com o qual ganhou o adjetivo de *espinhoso* do presidente dessa Instituição (idem, p. 174-176).

² O Realismo Socialista foi o estilo artístico oficial da URSS no período de 1930 e 1960, aproximadamente. Foi uma política de Estado para a estética em todos os campos de aplicação da forma, incluindo todas as manifestações artísticas e culturais soviéticas.

No entanto, não foram apenas censuras que o texto de Graciliano relatou, alguns hábitos chamaram a sua atenção positivamente. Ele ficou muito impressionado, por exemplo, com o horário de um dos desfiles de 1º de Maio, que começou às dez horas e terminou pontualmente às onze (idem, p. 47), além de ficar surpreso com a informação que lhe deram no sanatório de que 99% das pessoas que se tratavam ali obtinham melhoras (idem, p. 139).

Ao entrar em contato com as pessoas, as escolas, os hospitais, os sanatórios, a educação, a sede da União dos Escritores Georgianos e com as práticas de leitura soviética, o escritor nordestino, ora com ironia, ora com tristeza, compara-as com o que havia no Brasil, e conseguiu somente encontrar inúmeras diferenças entre esses dois mundos:

Trezentas e cinqüenta mil bibliotecas do Estado, com setecentos milhões de volumes. As dos sindicatos são doze mil, e há nelas sessenta milhões de livros. Para que tanta letra? Afinal essa fatura de impressos torna-se monótona, tem aparência de mania. Abafamos. Não acharemos neste país um analfabeto? Saudades da nossa terra simples onde os analfabetos engordam, proliferam, sobem, mandam, na graça de Deus (RAMOS, 2007, p. 99).

Apesar das críticas a certos aspectos da vida soviética, Graciliano Ramos, como militante de um partido comunista, descreve em tom de reprovação o que vê de indícios de capitalismo ainda existentes naquela sociedade:

Sujeitos bem-vestidos, arredios mulheres elegantes, criaturas ali bem visíveis, a alguns metros, e afastadas, afastadas em excesso dos operários, dos artistas, das pessoas que iam a Moscou, voltavam de Moscou. Eram restos da classe velha, tipos que já não podiam ter escravos e se arruinavam em loucura furiosa, agarrados a prostitutas. [...]. E irritava-me a dança dos capitalistas e das prostitutas agarrados no fim da sala, idas e vindas, sobretudo expansões na língua encrocada (idem, p. 16-17-28).

De acordo com Dênis de Moraes (2007), apesar de esse relato ser construído na dicotomia entre apologia e recusa ao que

viu na União Soviética, tal divisão não é o mais importante na obra, já que o escritor nordestino nunca pôs em dúvida sua adesão ao socialismo e à estima que tinha pelo país soviético (MORAES, in: RAMOS, 2007, p. 213). Isso pode ser percebido nas declarações elogiosas que dedicou ao sistema socialista em seu relato: “É com tais esforços que o socialismo avança rápido na Tchecoslováquia. A burguesia, em desespero, dança lá no fundo, agarrada às prostitutas” (idem, p. 29). Ainda segundo Moraes, esse livro de viagens “evidencia a rara habilidade de Graciliano para driblar tentações e precipícios. Apesar das impressões favoráveis sobre educação, saúde, cultura e assistência a crianças e idosos, não freia observações críticas ao cotidiano moscovita” (MORAES, in: RAMOS, 2007, p. 212).

Mesmo sendo uma publicação póstuma, um ano após sua morte, os dirigentes comunistas não tiveram acesso à obra, sendo publicada sem nenhuma intervenção do Partido, chegando aos leitores da atualidade “como um retrato sem manchas de facetas de uma época de paixões exacerbadas e alinhamentos automáticos, de qualquer modo permeável a expectativas de um futuro transformador e centrado no humanismo” (idem, p. 218).

Assim, mesmo em seu livro de memórias, Graciliano Ramos manteve-se fiel a seu propósito literário e não se deixou “corromper” pelas “paixões exacerbadas” desse período, sendo fiel apenas as suas próprias convicções sobre o fazer literário.

4. “SENTIMENTO DE PAZ PRESIDINDO A TUDO”: O RELATO DE DALCÍDIO JURANDIR

Sobre a viagem empreendida, Dalcídio Jurandir escreveu em um diário suas impressões sobre os lugares que visitou. Dessas anotações, foram publicadas no livro *Dalcídio Jurandir Romancista da Amazônia* (in: NUNES, 2006), as seis primeiras folhas numeradas e duas folhas de uma possível crônica, as quais servem de corpus para este trabalho.

Ao observar as pessoas, Dalcídio Jurandir aproximou o Brasil do mundo socialista, fazendo uso para isso das atitudes do povo soviético: ora os jovens felizes jogando futebol, ora a circulação dos cidadãos moscovitas faziam-no lembrar-se dos brasileiros:

Antes vimos nas vizinhanças algo tão familiar para todos naquele primeiro domingo soviético. Jovens jogavam futebol; apenas um tinha calção. Vestiam roupas de várias cores e falavam nos vários lances. Como no Brasil. [...] Eu me lembro de Marajó, de Gurupá, de pessoas do Brasil como Rio Grande. A simplicidade, a naturalidade, a doçura, o amor ao trabalho que encontro no nosso povo predominam na cidade de Moscou porque o povo russo está no poder (JURANDIR, in: NUNES, 2006, p. 99, 101).

Além dessa tentativa de aproximação, o escritor também se lembra da sua pátria, com frequência, em alguns dos lugares e situações em que se encontrou, tais como a vista que teve do avião da cidade de Minsk – e que sentiu como se estivesse sobrevoando suas terras marajoaras – e o circo, no qual relembrou sua infância e seus filhos, como se os povos brasileiro e soviético fossem movidos pelo mesmo sentimento de busca pela paz, palavra essa valiosa para Dalcídio Jurandir em seu relato, pois afirmava que nos lugares que visitava tinha constantemente uma sensação de paz.

Podemos perceber, com a leitura desse texto, que seu autor tem uma visão romântica sobre tudo aquilo que vivenciou, principalmente em Moscou. Tal idealismo pode ser percebido na descrição que ele faz da cidade:

Para quem deseja o socialismo, para quem compreende o destino do proletariado, para quem compreende o povo, para quem procura olhar nas faces, nos olhares, na alegria desse povo se sente à vontade em Moscou, compreende que esta cidade é realmente a nova luz do mundo, o coração dos grandes sonhos e das grandes realidades novas do homem (JURANDIR, in: NUNES, 2006, p. 99, 101).

Dalcídio Jurandir, no decorrer do seu relato, faz uma divisão entre o “velho” mundo capitalista e o “novo” mundo socialista, na

qual enaltece as medidas políticas e econômicas do segundo e critica as do primeiro:

A mistura do velho e novo na fisionomia de Moscou mostra que o governo não se preocupou em fazer uma vitrina desta cidade nem enchê-la de alçapões e gás neon e vitrines de luxo. Suas lojas, suas livrarias, seus cinemas não têm luxo, pertencem ao povo e este trabalha primeiro para que as bases do edifício soviético fiquem sólidas definitivamente sem fazer de sua Moscou uma cidade artificial, dominada pelo delírio do decorativo em que nas grandes cidades se opera o trágico contraste entre o faustoso e o miserável, entre os bairros chiques e os bairros da maioria da população, enormes de sofrimento e miséria. Aqui se sente perfeita a fonte o desaparecimento desses contrastes, aqui circula povo (JURANDIR, in: NUNES, 2006, p. 99, 101).

Outra divisão feita pelo escritor e que complementa essa primeira, refere-se à capital russa, na qual ainda podiam ser vistas marcas do antigo regime que a governara e que aos poucos estava desaparecendo. Assim, ele faz uma comparação entre o velho e o novo na cidade de Moscou, dando ênfase ao segundo, que estava ganhando cada vez mais espaço, em virtude da ação do comunismo: “O que pode ferir a observação do viajante desavisado é ainda alguns aspectos ainda sobreviventes de Moscou. Mas esquece o conteúdo novo que se avoluma e determina a forma de uma cidade nova” (idem, p. 103).

Como podemos observar, Dalcídio Jurandir apresenta um posicionamento favorável aos ideais socialistas e às políticas públicas de educação, saúde e incentivo à cultura com as quais o povo soviético era assistido. Sendo assim, em seu relato não faz nenhuma crítica negativa à União Soviética, mostrando somente aspectos positivos daquilo que presenciou. Diferentemente da postura mais crítica adotada por Graciliano Ramos, como vimos, em seu livro *Viagem*.

O relato de Dalcídio Jurandir atendia aos desejos do PCB e da União Soviética, bem como aos objetivos pretendidos

por eles com a promoção de viagens dessa natureza, escrevendo possivelmente, o que os dirigentes do Partido queriam ler. Seu texto é coerente com a sua postura de militante de um partido comunista e reflete o pensamento engajado que também está presente nas suas contribuições para a imprensa e no seu romance proletário *Linha do Parque* (1959)³, escritos na mesma época da viagem, o que nos leva a crer que essa visita ao mundo socialista reforçou o seu comprometimento com a causa defendida pelos socialistas.

5. “UMA VIAGEM DE ALICE”: O RELATO DE ENEIDA DE MORAES

Como membro do PCB, em 1959, Eneida de Moraes foi à União Soviética, estendendo sua viagem até a China e publicou nesse mesmo ano o livro *Caminhos da Terra*, no qual descreve suas impressões sobre o Congresso de Escritores, as pessoas que conheceu nesses países e os lugares que visitou, tais como a Praça Vermelha, o Museu Lenin, a Cidade Universitária em Pequim entre outros.

A escritora foi escolhida para representar o Brasil no III Congresso de Escritores da URSS, convite que aceitou “sem pestanejar”, pois “conhecer a URSS era um velho sonho” (MORAES, 1959, p. 1) para ela.

Assim como o escritor Dalcídio Jurandir, Eneida defende o socialismo e traça diferenças entre este e o sistema capitalista, exaltando o primeiro e lançando críticas ao segundo. Ela procede assim principalmente por meio da comparação entre cidades socialistas e capitalistas:

Moscou é uma cidade limpiíssima, uma das mais limpas cidades do mundo, a cada momento, em toda parte há sempre pequenos

³ O romance foi escrito nos inícios dos anos de 1950, mas publicado somente no final dessa década.

depósitos para serem jogados os papéis dos sorvetes, as baganas, tudo que suja as ruas. [...]. Quando cheguei meses depois em Paris, já andava procurando depósitos para não colaborar com a sujeira das ruas. Mas ali tudo é diferente. Joga-se mesmo no chão. Paris é como o Rio: cidade sujinha. (MORAES, 1959, p. 27-28).

Talvez motivada pelo relatório anti-Stalin, a escritora paraense, apesar de enaltecer os líderes socialistas, menciona apenas duas vezes, em todo o seu relato, o nome de Stalin, sem tecer nenhum comentário sobre a sua figura e sobre o período em que liderou a União Soviética. Nessas duas menções, o nome do estadista soviético estava atrelado ao nome de Lenin, ou seja, a imagem e importância do primeiro foram ofuscadas, nos escritos de Eneida, pelo segundo:

Ao norte da praça o Museu de História, grande e imponente e no centro da Praça, o mausoléu de Lenine e Staline. [...]. “Lenine e Staline parecem dormir um sono muito calmo. Suas mãos tão naturais repousam em seus peitos; parecem que vão fazer um gesto, parecem que vão dizer algumas palavras (MORAES, 1959, p. 22).

Em *Caminhos da Terra*, Eneida faz questão de declarar que ficou encantada com a União Soviética e os elogios continuam quando menciona o tratamento dado às crianças. Ela deixa claro que a assistência médica e educacional destinado a elas é inteiramente gratuita e afirma que “as crianças são os seres mais amados da União Soviética” (idem, p. 50).

A convite da União dos escritores chineses, Eneida viajou até a China e sobre esse país dedica o maior número de páginas de seu livro e grande parte do seu encantamento a começar pela capa da 1ª edição de *Caminhos da Terra*, que reproduz uma paisagem chinesa em papel recortado, demonstrando assim que de todos os países que visitou, foi este que lhe chamou mais atenção. Além disso, quando decide estender sua viagem até a China, escreve: “agora eu ia fazer uma viagem de Alice; estava indo para um país de maravilhas”

(idem, p. 80), reforçando ainda mais a ideia de seu deslumbramento diante dos países socialistas.

A descrição das mudanças na China antes e depois da Libertação se faz presente durante todo o relato, apresentando ao leitor que tais transformações só foram possíveis com o advento do sistema socialista, o qual foi tomando o lugar do capitalismo naquele país:

Antes da Libertação havia ali [em Shangai] dois milhões de desempregados, chineses, naturalmente. O bairro chinês que visitei não era – no passado – frequentado por “brancos” e nem automóveis, bondes e ônibus podiam chegar lá, para servir aos seus habitantes. Hoje é um bairro comum, com um tráfego intenso. [...]. Onde foi o Banco da Inglaterra – e lá está gravado em mármore o nome – hoje é a sede do governo de Shangai, com uma bela estrela vermelha bem no alto e uma bandeirinha também vermelha que o vento do mar se encarrega de agitar (MORAES, 1959, p. 120-123).

Como na época da viagem, a instauração do socialismo era muito recente, a escritora entrou em contato com alguns aspectos que estavam em desarmonia com o tal sistema. Eneida, no entanto, não critica a China, pelo contrário, defende-a explicando os motivos desses problemas e elogia os avanços que o socialismo trouxe para esse país que, segundo ela, são reconhecidos por todos os chineses: “mas precisamos não esquecer que a china festejou em 1º de outubro deste ano de 1959, apenas o décimo aniversário de sua libertação” (idem, p. 94-96).

Assim, podemos perceber que o relato de Eneida de Moraes é coerente com o seu posicionamento ideológico, bem como sua filiação a um Partido Comunista, pois o seu livro é uma exaltação aos feitos que o socialismo promoveu nesses países visitados e uma crítica negativa ao sistema capitalista.

Apesar de não terem ido juntos ao mundo socialista, os relatos de Dalcídio Jurandir e Eneida de Moraes aproximam-se pelo enaltecimento que fazem do mundo socialista e pela ausência de

críticas sobre o que viram e perceberam nesses lugares, diferente da postura de Graciliano Ramos que, desgostoso com o PCB, deixou transparecer em seu texto certo desgosto com a organização social e política dos países socialistas que conheceu.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esses relatos representam a forma como o mundo socialista era visto pelos intelectuais que tinham filiação com o PCB, pois entre as descrições que faziam dos locais visitados, exaltavam o socialismo e as políticas públicas organizadas pelo governo, bem como faziam críticas ao capitalismo.

Isso pode ser percebido nos relatos de Dalcídio Jurandir e Eneida de Moraes, os quais, como militantes do Partido e defensores do socialismo, mantiveram em seu texto um posicionamento favorável a tal sistema, criticando os lugares pelos quais passaram que não viviam sob esse regime. Apenas ao capitalismo são destinadas as condenações, nenhuma crítica é destinada ao mundo socialista.

Acreditamos que o texto de Graciliano Ramos destoa dos outros dois relatos pelo clima tenso que existia naquele momento entre o escritor e o PCB, por causa de Graciliano não aceitar a imposição do Realismo Socialista nos textos literários. Então, talvez por isso, seu texto apresente críticas a aspectos de que discordava do cotidiano daqueles países.

Tais diferenças demonstram que não foi somente o que esses escritores viram que influenciou diretamente na construção dos seus escritos, mas também as suas convicções sobre os países socialistas que eram anteriores a essas viagens. Dessa forma, esses relatos não são uma apresentação fiel do mundo socialista da década de 1950, mas sim uma descrição permeada das ideologias que seus autores defendiam.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão*. 3 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- KONDER, Leandro. *A Democracia e os Comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- MORAES, Dênis. Posfácio. In: RAMOS, Graciliano. *Viagem*. 21 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 213
- MORAES, Eneida de. *Caminhos da Terra*. Rio de Janeiro: Antunes, 1959.
- NUNES, Benedito et al. *Dalcídio Jurandir Romancista da Amazônia*. Belém: SECULT, 2006.
- PALAMARTCHUK, Ana Paula. *Ser Intelectual Comunista... Escritores brasileiros e comunismo (1920 – 1945)*. 159 fls. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1997.
- Pará Zero Zero*. Belém, Ano 3. n. 6, 2008.
- RAMOS, Graciliano. *Viagem*. 21 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- RODRIGUES, Marly. *A Década de 50*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1990.
- SEGATTO, José Antônio. *Breve História do PCB*. São Paulo: LECLER, 1981.
- SOTANA, Edvaldo. *Relatos de viagens à URSS em Tempos de Guerra Fria: uma Prática de Militantes Comunistas Brasileiros*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2006.
- SANTOS, Eunice Ferreira dos. *Eneida Memória e Militância Política*. Belém: GEPEM, 2009.